

REVISTA  
**Aepit**

Saúde e beleza

---

EDIÇÃO 2/2022





# DEIXE PROFISSIONAIS CUIDAREM DA SUA SOBRANCELHA.

A Aepit Cabelo tem técnicas avançadas  
para transplante de sobrancelha com  
resultados naturais e definitivos.



**Aepit**  
Cabelo

# EDITORIAL

E estamos com mais uma nova edição da Revista Aepit, a sétima, e como sempre me deixando muito feliz e orgulhoso. Ainda com o mundo em alerta pandêmico, nossa clínica não parou, pois sei bem como as emergências dermatológicas são urgentes e precisam de atenção especial. Até por esse motivo, nos colocamos à disposição da saúde pública para atender pacientes do SUS quando o Coronavírus estava ainda sem vacina e sem controle. Foi uma ação muito gratificante para nós, médicos, e estremos sempre prontos a ajudar e atender.

Uma das matérias importantes dessa edição, que gostaria que todos lessem com atenção especial, é a reportagem que fala sobre erros não médicos. Temos ali histórias reais de pacientes que colocaram sua saúde em risco por fazerem procedimentos médicos com outros profissionais e foram lesados por isso. Pacientes e profissionais foram mantidos em anonimato, mas as histórias são fatos e são chocantes.

Outra história especial da nossa revista é a de pessoas que superaram o preconceito e hoje vivem bem com o vitiligo. Nossa capa é de uma dessas personagens que transborda beleza e saúde. O vitiligo é uma doença crônica, que precisa de acompanhamento dermatológico e que deve ser encarada com maior naturalidade.

Ainda temos uma verdadeira aula da história da dermatologia, que vai do antigo Egito, onde se faziam coisas impensáveis nos dias de hoje, até nossas tecnologias mais modernas. Ainda tem muita gente que faz tudo em nome da beleza e estética e ninguém deve ser julgado por isso. O importante nessa vida é ser feliz!

Tudo isso e muito mais conteúdo informativo na nossa Revista Aepit desse semestre. Espero que gostem, pois sempre é feita com muito carinho para vocês terem um pouco da Aepit em casa.



Dr. Gilvan Alves  
Dermatologista e Presidente do  
Grupo Aepit - CRM 7940-DF

# S U M Á R I O

08

Compromisso com a  
segurança do paciente

10

O barato que  
tem um custo  
incalculável

16

Papada out!

18

Emoções  
transparentes

24

Corpo Clínico

26

A dermatologia do  
fogo ao lazer

32

Sábado solidário  
a Aepit de portas abertas



# REMODELE O SEU CORPO

O procedimento de **congelamento através do CoolSculpting®** destrói células de gordura em diferentes áreas do corpo

Redução de até 27%  
de gordura localizada  
na área tratada

MARQUE SUA AVALIAÇÃO

61 3364 4104

61 9451 5482

*Aepit*

# O que é CoolSculpting®?

O CoolSculpting® é um tratamento não invasivo de redução de gordura. É uma forma de contornar o corpo ao congelar a gordura indesejada. Não envolve cirurgia e pressupõe tempo mínimo de recuperação.

Com mais de 8 milhões de ciclos de tratamento CoolSculpting® realizados em todo o mundo.

O procedimento de redução de gordura CoolSculpting® foi especialmente desenvolvido para as pessoas que têm gordura indesejada em áreas específicas. Ao contrário da cirurgia para perda de peso (p. ex., cirurgia bariátrica), o procedimento CoolSculpting® não é uma solução de perda de peso para pessoas obesas. Bons candidatos para o procedimento CoolSculpting® têm protuberâncias notáveis em certas áreas das quais querem se livrar. Muitas pessoas querem uma alternativa não cirúrgica à lipoaspiração.

O seu primeiro passo deve ser falar com um médico que trabalhe com CoolSculpting® para descobrir se este é um procedimento adequado para você.

**Marque agora mesmo uma  
avaliação na Aepit:  
61 3364 4104**





# Aepit

O Hospital Dermatológico Aepit - Aepit Plástica finalizou a implementação das práticas do Núcleo de Segurança do Paciente e cumprindo assim as exigências da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, tornando-se referência em Brasília.

“Estamos há dois anos investindo na adequação da Resolução da Diretoria Colegiada - RDC 36, que tem como objetivo instituir ações para a promoção da segurança do paciente e a melhoria da qualidade nos serviços de saúde, e esse mês finalizamos essa etapa”, comemora Dilma Souto, responsável pela administração da Aepit.

## COMPROMISSO COM A SEGURANÇA DO PACIENTE

A enfermeira Hilda Carla, consultora responsável pelo treinamento e assessoria da equipe do Núcleo de Segurança do Paciente na Aepit, é especialista em segurança do paciente e controle de infecção com experiência em hospitais públicos e privados. “Todo o meu orgulho em finalizar essa fase da implementação e a construção dessa cultura de segurança e disseminação dessa cultura de segurança”, comemora a enfermeira.

O Hospital Dermatológico Aepit oferece ambientes de alta sofisticação, somados com o que há de mais moderno e tecnológico em equipamentos e sala de procedimentos. Toda a estrutura foi pensada e desenvolvida para que a experiência cirúrgica seja segura em todos os momentos, com todo o conforto e privacidade que o paciente precisa.



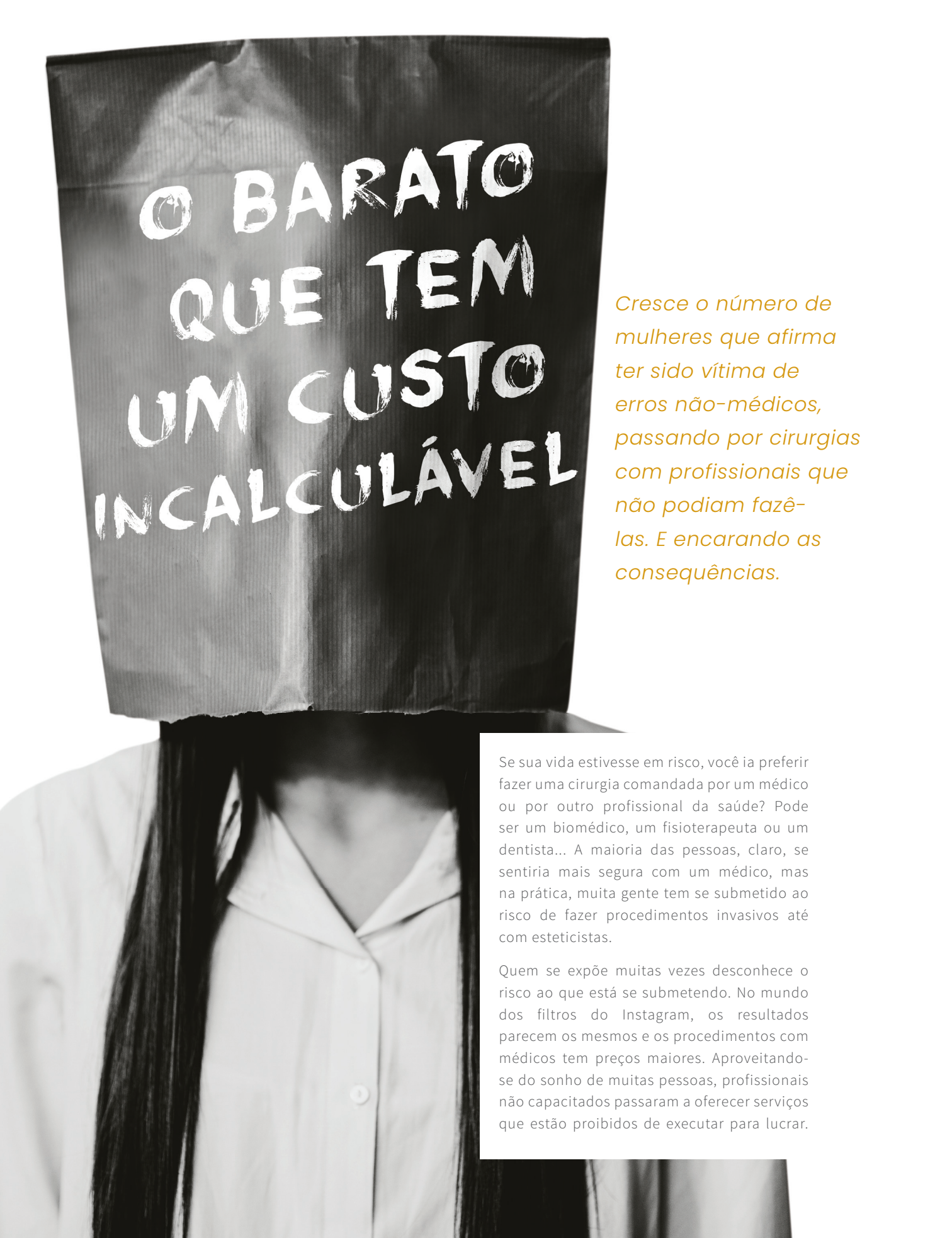


Dr. Rômulo Viegas, cirurgião plástico e médico responsável técnico pela Aepit Plástica, também comemora mais esse projeto finalizado. “Por meio da implantação dos protocolos de segurança do paciente, monitoramos de forma minuciosa toda assistência prestada ao paciente que vai desde o agendamento cirúrgico até o acompanhamento pós operatório, dessa forma temos aprimorado cada vez mais a assistência ao paciente”, enfatiza.

O Hospital Dermatológico Aepit está localizado no Bloco C, da quadra 716, do Setor Hospitalar Sul. É um centro cirúrgico de porte três – conta com cinco leitos de apartamento, três leitos de recuperação pós anestésica e duas salas de cirurgia completas. Todos os leitos com monitoramento contínuo

desde a chegada até a alta do paciente. São realizadas cirurgias como: abdominoplastia, mamoplastia, lipoescultura, rinoplastia blefaroplastia, ginecomastia, correção de cicatriz, transplante capilar, entre outras.





O BARATO  
QUE TEM  
UM CUSTO  
INCALCULÁVEL

*Cresce o número de mulheres que afirma ter sido vítima de erros não-médicos, passando por cirurgias com profissionais que não podiam fazê-las. E encarando as consequências.*

Se sua vida estivesse em risco, você ia preferir fazer uma cirurgia comandada por um médico ou por outro profissional da saúde? Pode ser um biomédico, um fisioterapeuta ou um dentista... A maioria das pessoas, claro, se sentiria mais segura com um médico, mas na prática, muita gente tem se submetido ao risco de fazer procedimentos invasivos até com esteticistas.

Quem se expõe muitas vezes desconhece o risco ao que está se submetendo. No mundo dos filtros do Instagram, os resultados parecem os mesmos e os procedimentos com médicos tem preços maiores. Aproveitando-se do sonho de muitas pessoas, profissionais não capacitados passaram a oferecer serviços que estão proibidos de executar para lucrar.

Com isso, porém, acabaram transformando os sonhos de seus pacientes em pesadelos.

O número de vítimas destes erros não-médicos tem crescido no Brasil. Por se tratar de um procedimento criminoso e de difícil investigação — as notas fiscais, por exemplo, costumam relatar procedimentos diferentes do que foi de fato executado —, não há um número exato de quantas pessoas foram vítimas desta enganação. Mas é possível avaliá-la a partir da proliferação de perfis que agrupam vítimas e denunciam profissionais na internet.

O perfil “Vítimas da bioplastia”, no Instagram, por exemplo, criado em 2018, reúne mais de 126 mil seguidores. Eles debatem ali, quase em uma terapia de grupo, os casos de pessoas que sofreram até amputações em decorrência de produtos incorretamente aplicados ou cirurgias malfeitas.

São imagens delicadas que revelam as histórias de quem tinha o sonho de “ficar mais bonita” e acabou tendo que lidar com deformações que alteraram sua saúde física e mental. A maioria pede para preservar a própria identidade, envergonhadas de seu estado de saúde, mas não deixa de alertar.

O anonimato, porém, também é necessário para proteger as vítimas de serem perseguidas pelos profissionais que elas denunciam, já que muitos deles ameaçam e até processam suas denunciadas. Foi o caso de Luana\*.

## **As cicatrizes de Luana**

A assistente administrativa Luana Melo, 37, teve a sua vida virada de cabeça para baixo desde o dia que conheceu a dentista Dra. Cora\*. Desde 2019, elas estão em guerra e a batalha ocorre tanto nas redes sociais, como na Justiça e no Conselho Regional de Odontologia do Rio de Janeiro (CRORJ).

Luana, inclusive, pediu à Revista AEPIT que seu nome verdadeiro não fosse usado, para não municiar a acusação de calúnia feita

**60,3 %**  
*das cirurgias  
plásticas no Brasil  
são estéticas  
segundo o Censo  
da SBCP de 2018,  
pesquisa mais  
recente da entidade*

pela Dra. Cora. A dentista acusa Luana de levantar mentiras apesar das várias provas que a paciente reuniu da conduta antiética da profissional. Provas estas que, inclusive, ainda estão em seu rosto.

Mesmo após a correção de um dermatologista, a região entre o lábio e o nariz de Luana ainda hoje apresenta cicatrizes e essas marcas são fundas não só em seu corpo, mas em seu espírito. Ainda assim, encará-las é melhor que ver escorrer pus e sentir dor todas as vezes em que sorria ao longo de um ano.

Luana buscava fazer um procedimento para reduzir as narinas e os preços da dentista chamaram a sua atenção. “Não me pediu exame nenhum, no dia que me conheceu já fez o procedimento. Anestesia local e começou os cortes. Desde o início eu senti dor, muita dor. Ela disse que era normal, que ia passar. Eu segui sentindo aquela dor durante um ano”, diz.

Ela não imaginava que a dentista não fosse autorizada a fazer aquela cirurgia, já que o Instagram da profissional era recheado de imagens de antes e depois de procedimentos da mesma natureza do de Luana: a alectomia. Neste procedimento, que pode ser realizado apenas por médicos, são feitos cortes nas narinas do paciente para modelá-las e torná-las mais finas.

A alectomia prometia a Luana um rosto mais “valorizado”, como ela define. Acabou entregando um gatilho para uma depressão profunda. “Eu entrei em parafuso, tive que começar a tomar antidepressivos. Engordei 12 quilos, já não tinha mais a vaidade de antes. Eu não queria nem beijar o meu marido. Sentia dor ao beijá-lo, mas também sentia muita vergonha”, diz.

A Dra. Cora se recusou a receber Luana novamente em seu consultório quando as reclamações da paciente começaram a chegar. Usou várias desculpas até o momento em que bloqueou Luana em suas redes sociais. Enquanto isso, as complicações aumentavam.

“Até eu conseguir juntar dinheiro para fazer a rinoplastia reparadora e resolver este problema, eu fiquei um ano andando de cabeça baixa para que as pessoas não vissem as minhas feridas que nunca cicatrizaram, saia pus da minha narina mesmo um ano depois do procedimento”, afirma.

Ao começar o tratamento com uma dermatologista e com uma psicóloga, além de se envolver em uma série de grupos em que mulheres dividiam histórias semelhantes à sua, Luana Melo acreditou que estava caminhando para uma recuperação, mas aí veio o novo baque: ela estava sendo processada pela dentista pelas postagens on-line em que tinha narrado o seu caso.

“Ela me ameaçou e ameaçou várias das pessoas que fizeram procedimentos com ela e relataram os problemas. Eu não acreditei quando recebi o processo, mas tenho certeza que ela vai perder e vai perder feio. É preciso que a justiça seja feita e que nenhuma outra pessoa seja enganada como eu fui. Uma pena que os processos demorem. Até hoje a Dra. Cora tem sua clínica funcionando, pelo que soube”, conclui.

## Como evitar ser enganada

Para não ser vítima de profissionais não-médicos que realizam procedimentos para os quais não estão autorizados (leia mais no box ao lado), é fundamental que o paciente pesquise on-line sobre o profissional em questão e sobre o procedimento que lhe foi ofertado.

Desconfie de ofertas que te obrigam a tomar decisões apressadas — “esta oferta vale só por hoje”, por exemplo — e também de resultados mágicos que aparecem em fotos de redes sociais.

A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) criou em outubro de 2020 a campanha “Cirurgia Plástica: não existe milagre. Existe ciência, responsabilidade e especialização!”. Nela, eram mostradas fotos em que nenhuma cirurgia havia sido feita.

Apenas usando efeitos de luz, maquiagem e posições melhor enquadradas, os modelos pareciam outras pessoas. A campanha foi feita com o objetivo de mostrar que uma imagem pode ser feita de muitas mentiras.

“*Eu aprendi na pele que o barato sai caro. Hoje me informo muito antes de fazer qualquer tipo de procedimento, até uma limpeza de pele. Eu fui muito enganada por conta de resultados que eu via no Instagram, mas nada daquilo era real*”

*Luana Melo\*, 37  
assistente administrativa.*

\* Nomes ficticiais

# Confie no especialista

Devido ao crescimento de profissionais sem formação adequada que estão fazendo procedimentos de natureza médica, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) elaborou uma lista com os principais procedimentos que só podem ser realizados por médicos e que tem sido ofertado, através de brechas legais e disputas judiciais, por outras categorias.

A lista passa pelas rinoplastias, como é o caso da alectomia, mas se estende também a procedimentos mais simples, como a aplicação de toxina botulínica, o famoso botox, ou de ácido hialurônico. Confira abaixo a lista que traz os principais procedimentos que somente médicos podem executar, de acordo com a SBCP.

Bichectomia, cirurgia de pálpebra, implantes ou lifting facial, lifting de sobrancelhas, cirurgia de queixo ou mentoplastia, cirurgia de orelha (popularmente chamada de “orelha de abano”), cirurgias de nariz, além das aplicações de toxinas e ácidos na pele.



# TECNOLOGIA *Aepit*



COOLSCULPT



VBEAM



ACCENT



EXCILITE



SPECTRA



M22



ACUPULSE



DEPILAÇÃO  
A LASER



ULTRAFORMER



ISOLAZ



FRAXEL



**Grupo Aepit**

# Papada out!

*O acúmulo de gordura na região do queixo é um dos vilões mais persistentes da estética facial, mas está longe de ser invencível. Confira os tratamentos para acabar com o queixo duplo.*

Os padrões estéticos tem alguns inimigos difíceis de se lidar, mas um dos vilões mais resistentes é a papada. Há cremes que prometem uma queima de gordura milagrosa, assim como cintas de afinar o rosto que se parecem com instrumentos de tortura. Mas, afinal, o que pode ser efetivo para combater o chamado “queixo duplo”.

Tem jeito, mas primeiro temos que conhecer as razões que levaram à flacidez da face. Tanto o envelhecimento sem tratamentos preventivos como um acúmulo de gordura podem ocasionar a papada. Ela é mais comum especialmente a partir dos 35 anos, com o envelhecimento natural da pele que

leva a uma perda de colágeno e elastina, que dão firmeza ao tecido de nosso corpo. Ela atinge tanto homens como mulheres.

Há uma série de tratamentos possíveis, desde os que agem em casos precoces como as intervenções cirúrgicas recomendadas a casos mais graves. “A melhor avaliação deve ser feita por um médico dermatologista, claro. Isso reduz os custos e o tempo de pacientes que partem muitas vezes para tratamentos ineficazes, dolorosos e caros”, afirma o doutor Gilvan Alves, médico do Grupo Aepit.

## **Só cremes podem não bastar**

Além dos cremes antienvhecimento — que são eficazes apenas como prevenção ou em quadros muito iniciais, vale ressaltar —, o tratamento do queixo duplo passa por terapias de radiofrequência ou de laser, para casos de gravidade intermediária e que, ao longo das sessões, mostram um resultado progressivo.

Das terapias não-invasivas, uma lipocavitação, que usa ondas de ultrassom para quebrar as moléculas de gordura acumuladas em alguma região do corpo. Essa terapia é recomendada apenas para casos de intensidade moderada, pois esse procedimento só pode ser feito junto de uma “prega de gordura”: o isolamento da região com uma espécie de grampo, portanto deve haver um acúmulo significativo para realizá-lo.



*Cremes, tratamentos abrasivos ou até intervenções cirúrgicas. Seu aliado nesta batalha vai depender de uma boa avaliação médica e, claro, do tamanho do inimigo*

Para casos de flacidez ainda mais pronunciada, porém, pode ser necessária uma opção mais radical para conseguir a desejada aparência fina e harmoniosa do contorno do rosto. Pode ser necessária uma lipoaspiração ou mesmo um lifting de rosto. A recuperação após a intervenção cirúrgica na região não costuma levar mais do que duas semanas e pode ser acelerada pelo uso da cinta de compressão facial — mas é importante destacar, que sozinha ela não faz milagre e que seu uso pode ser desconfortável para alguns pacientes.

### **Prevenção**

Para aqueles que querem evitar estes inconvenientes no futuro, além de manter cuidados com a pele que envolvam o uso de cremes antissinais e uma boa alimentação,

uma dica de ouro pode ser incluir exercícios de ginástica facial em suas rotinas de estética.

Estes exercícios — que como toda atividade física apresentam resultados progressivos e lentos — devem ser feitos diante do espelho para entender como o movimento atua na região do pescoço. Além disso, é bom fazê-los em um ambiente privado para evitar gerar um ataque de risos com as caretas.

Uma boa rotina de exercícios faciais para prevenir a papada envolve: apertar uma bola de tênis com o queixo em direção ao colo por aproximadamente 10 segundos; tentar tocar a ponta do nariz com a língua em uma série de quatro repetições também por 10 segundos e fazer um “sorriso invertido”, semelhante à representação clássica da tragédia grega, também em um intervalo igual de tempo.

Como já ressaltamos aqui, porém, estes exercícios devem ser combinados com uma rotina de saúde, além de que o médico dermatologista pode passar, se considerar conveniente, uma série de outras “caretas” para serem tentadas pelos pacientes. Elas podem te fazer cair na gargalhada, mas pelo menos assim não vai aparecer um queixo duplo enquanto você ri.



# Emoções transparentes

Vitiligo, uma despigmentação crônica da pele, perde o estigma e passa a ser encarada com orgulho por seus portadores. Os cuidados especiais, porém, seguem necessários.

Que marcas a vida deixou no seu corpo? Cicatrizes, tatuagens, modificações? A nossa pele conta a nossa história. Para pessoas que vivem com vitiligo, porém, está condição é ainda mais transparente: a intensidade emocional, principal fator para o surgimento de novas manchas, fica marcada nos rostos, nas mãos, nos corpos.

Pelo estigma estético, a maioria das pessoas que convive com estas marcas, no entanto, as encararam como um motivo de vergonha e as trataram muitas vezes com procedimentos que buscavam mascará-las ao longo de décadas — e que podiam ser inclusive doloridos.

Nos últimos anos, o jogo se inverteu: o vitiligo tem sido encarado por seus portadores com maior aceitação e até com orgulho, como no caso da participante Nathália Deodato, da 22ª edição do Big Brother Brasil, que se tornou uma das sisters mais populares do programa da TV Globo e que, sendo ela uma mulher com vitiligo, decidiu chamar seus fãs na internet de “vitilindos”, para ressaltar que a doença e a beleza não são opostas.

O vitiligo é sim uma doença dermatológica, mas é não contagiosa e os tratamentos paliativos que buscam retardar sua ação são opcionais. O vitiligo que causa a morte dos melanócitos, que produzem a melanina, e isso leva a uma consequente despigmentação de áreas afetadas que vão desde pequenas manchas até o vitiligo universal, que cobre o corpo inteiro, como é o caso do preparador físico Xande Milani.



# Marcas resignificadas

“A minha primeira mancha surgiu em uma euforia, quando eu descobri que seria tio. A maioria dos gatilhos de quem tem vitiligo é um trauma, mas para mim foi uma felicidade. Isso, porém, logo se tornou uma sentença. Me diziam que eu não podia ficar nem feliz, nem triste, para conter o avanço das manchas. Como alguém vai viver sem se emocionar?”, diz.

Aos 12 anos, uma mancha branca de meio centímetro de diâmetro apareceu no pescoço dele. Duas décadas depois, é seu tom natural de pele que parece uma mancha: mais de 99% de seu corpo se despigmentou, ou melhor, ganhou novos pigmentos com as coloridas tatuagens que ele hoje sustenta.

“Eu nunca fiz tatuagem para esconder as manchas. Tinha orgulho delas tanto quanto tenho dos desenhos, eu via como uma arte a mais que eu sustentava no meu corpo. Hoje em dia, porém, muita gente me vê e acha que eu sarei do vitiligo, que não tenho mais a doença, mas pelo contrário, o vitiligo se tornou a alma do meu corpo”, afirma.

Apesar de lidar bem hoje em dia com a doença, Xande também passou por dificuldades em encontrar seu caminho de aceitação. “Como minha mãe tem vitiligo, ela logo notou as mudanças em mim e embora ela não fizesse nenhum tratamento na pele dela, ela achou que seria melhor para mim que eu me tratasse. Fiz diversos procedimentos, acho que não tive resposta em nenhum”, pontua.

A melhor estratégia, no caso dele, foi se aceitar. “Me sentia frustrado e me isolei quando tive a doença. Mas percebi que as

pessoas me trataram super bem, então percebi que eu não podia ter vergonha de algo que ia carregar a vida toda. Ainda que no começo as pessoas me notam por causa da mancha, do cabelo descolorido, logo elas percebem que eu tenho muito mais a oferecer. Já teve até gente que me pergunta como que eu fiz para ter essas manchas”, conclui ele.

**1 milhão**  
*de pessoas*  
**no Brasil**  
*têm vitiligo*  
*segundo a*  
**Sociedade**  
**Brasileira de**  
**Dermatologia**

# Ensinar pelo trauma

O vitiligo nasce, em geral, a partir de traumas pessoais e no caso de Michele Rosa ele está associado a uma das experiências mais dolorosas de sua vida. A mancha que vem de um lugar de dor, porém, pôde ser transformada em fonte de orgulho e de beleza para Michele após uma jornada de aceitação.

“A doença se manifestou em mim pela primeira vez em 2005, quando eu estava grávida da minha segunda filha. O meu primeiro filho tinha morrido aos nove meses e aquela experiência traumática estava em algum lugar de mim, uma emoção que eu negava e que, durante a gravidez, começou a aflorar”, diz.

Aquele, porém, era apenas o início do contato de Michele com a “pele de nuvens”. Com pomadas e banhos de sol controlados, ela conteve a propagação das manchas ao longo de mais de uma década, com pequenas expansões, até que em 2018, com as manchas chegando ao rosto, ela entendeu que não poderia mais se esconder do vitiligo.

“O preconceito precisa ser combatido primeiro na gente. Quando a gente evita mostrar as manchas, está lidando com muita insegurança, mas tive que me olhar no espelho e escolher o amor próprio, por entender que meu corpo contava uma história e que seria caro e ineficiente tentar escondê-la”, afirma.

Para compartilhar sua trajetória de descoberta, Michele Rosa criou um canal no Instagram e passou a se dedicar à causa da normalização do vitiligo, chegando a ser garota-propaganda da Dove no Brasil, mas acredita que ainda falta que mostremos mais casos na grande mídia para encontrar, de fato, uma aceitação social. “Falta um personagem forte numa novela que conviva com vitiligo, um jornalista



que não camufle as manchas com maquiagem e vestimenta... Ainda nos falta mais exemplos de orgulho”, conta.

“Não quero glamourizar a doença, nós que temos o diagnóstico sabemos como há restrições, especialmente ao sol, mas o vitiligo me trouxe para um lugar lindo de contato comigo. Eu nunca tive um corpo, um cabelo dentro do padrão estético. Tinha sido ensinada, porém, a ir dando um jeitinho. Mas passei a me perguntar para agradecer a quem, para aparecer para quem eu fazia aquilo. E quando essa necessidade acabou, eu me senti mais leve e linda que nunca”, completa.

A luta de Michele foi tão ampla que conseguiu até que o município de Belford Roxo estabelecesse, para todo dia 25 de junho, dia municipal da conscientização do vitiligo, ocasião que ela torce para que seja adotada, mesmo que em outras datas, por todo o país nos próximos anos.

Manter uma rotina adequada de skin care, porém, é algo que nem todas as pessoas com vitiligo podem arcar. “O vitiligo é uma doença, não podemos nos esquecer desta condição. A luta pela aceitação passa também por lutar para que nós tenhamos atendimento prioritário com dermatologistas e psicólogos como parte de nosso tratamento”, conclui Michele.

*“Não glamourizo, mas a doença me trouxe para um lugar lindo de contato comigo mesma”,*

*Michele Rosa, influencer com vitiligo*

# Autoestima como tratamento

Como a pele das manchas é mais sensível, todos os entrevistados alegam ter um cuidado especial na hidratação de suas peles, especialmente no uso do protetor solar. “Eu não deixo de viver a minha vida, adoro esporte de aventura, mas só faço de chapéu, camisa de manga, tenho que proteger minha pele com um cuidado extra”, diz Xande.





# NOSSA MELHOR IMAGEM PARA VOCÊ

A **Clínica Medceu** trabalha com transparência e respeito ao ser humano, capacita constantemente os profissionais que oferecem o melhor atendimento desde simples atendimentos de rotina até procedimentos mais complexos.

[www.medceu.com.br](http://www.medceu.com.br)



Setor Hospitalar Norte  
61 3347 0909



**Dr. Alexandre Nunes**  
Cirurgião Plástico  
CRM-23816



**Dra. Alice Hilbert**  
Dermatologista  
CRM-3980



**Dra. Eloisa Maria**  
Dermatologista  
CRM-20994



**Camila Mognatti**  
Nutricionista  
CRN-9439



**Dr. Fabrício Theodoro**  
Dermatologista  
CRM-15607



**Dra. Fernanda Carrilho**  
Dermatologista  
CRM-27088



**Dr. Gilvan Alves**  
Dermatologista  
CRM-7940



**Dr. Flávio Gondim**  
Cirurgião Plástico  
CRM-23080



**Dra. Ilione Roesner**  
Dermatologista  
CRM-12408



**Dra. Laize Loures**  
Dermatologista  
CRM-27159



**Dr. Leonardo Pimentel**  
Dermatologista  
CRM-16922



**Dra. Leticia Marra**  
Dermatologista  
CRM-16228





**Dra. Lucia Wen**  
Dermatologista  
CRM-2916



**Dra. Marcella Barbalho**  
Dermatologista/Tricologista  
CRM-21407



**Dra. Márcia Regina**  
Dermatologista  
CRM-23877



**Deborah Brazuna**  
Dermatologista  
CRM-23338



**Dra. Maria Lúcia**  
Dermatologista  
CRM-11599



**Dra. Michelly Oliveira**  
Dermatologista  
CRM-30819



**Dra. Paula Martins**  
Dermatologista  
CRM-17875



**Dr. Naby Gebrin**  
Cirurgião Plástico  
CRM-17618



**Dr. Rodrigo Frazão**  
Dermatologista/Tricologista  
CRM-14462



**Dr. Rômulo Viegas**  
Cirurgião Plástico  
CRM-23981



**Dra. Vanessa Teixeira**  
Dermatologista/Tricologista  
CRM-20427



**Dra. Tatyane Machad**  
Dermatologista  
CRM-21120



**Dra. Viviane Alves**  
Endocrinologista  
CRM-25490

# A dermatologia do fogo do laser

*A evolução histórica da dermatologia revela que os cuidados com a pele nos acompanham desde as sociedades mais remotas e a tecnologia só deu os retoques*

Ao contrário de outros órgãos humanos, a pele é visível e tocável. É curioso, portanto, que a história da dermatologia como ciência moderna tenha seu começo apenas a partir da segunda metade do século 19.

Antes disso, porém, todas as culturas humanas haviam desenvolvido técnicas próprias para cuidado estético e cicatrização da pele, mas os estudos desta especialidade médica como um campo à parte são produto dos avanços tecnológicos e científicos experimentados em meados dos anos 1850.

O que a transformação da dermatologia em ciência fez, no entanto, foi muitas vezes usar conhecimentos práticos adquiridos ao longo de séculos para refiná-los com novas ferramentas. Um passeio pela história da dermatologia revela que os tratamentos da pele com uso de luzes, diferentes temperaturas e ácidos, por exemplo, acompanharam, em sua maioria, a humanidade desde os primórdios.





Avanço da tecnologia  
no século 20 permitiu  
transformar processos  
caseiros em tratamentos  
revolucionários

## No Egito Antigo

A história do relacionamento dos humanos com a própria pele remonta a sociedades milenares. É conhecido, por exemplo, o uso que os egípcios faziam de óleos de origem animal, sal e coalhada para melhorar a aparência da pele.

A célebre faraó Cleópatra, segundo o Centro de Cuidado Dermatológico dos Estados Unidos, levou este cuidado estético a outro nível ao inserir banhos de leite em sua rotina de beleza. “Ela aproveitou os benefícios do ácido lático para ter uma pele mais macia”, diz a publicação.

Um artigo publicado nos Anais Brasileiros de Dermatologia em 2021 por três professores gaúchos — Iago Gonçalves Ferreira, Magda Blessman Weber e Renan Rangel Bonamigo —, detalha alguns aspectos curiosos da relação de saúde dos egípcios com a pele. Os papiros de medicina já previam, por exemplo, uma fototerapia.

Os pacientes deveriam ingerir partes da planta *Ammi majus*, dona de delicadas flores brancas e encontrada às margens do Nilo, e tomar banhos de sol em seguida para repigmentação da pele. Posteriormente, foi descoberto na planta o “metoxaleno, substância que atuava como um fotossensibilizador natural”, diz o texto acadêmico.



## Na China Antiga

A medicina oriental sempre teve os cuidados da pele entre suas preocupações. O documento mais antigo a tratar da hanseníase, por exemplo, é chinês e conta com aproximadamente 4 mil anos.

Tratamentos modernos como a prática do microagulhamento, por exemplo, remontam à acupuntura praticada há séculos na medicina tradicional chinesa para tratar doenças cutâneas como a acne, a psoríase ou o vitiligo.



Também era comum o uso de cristais para massagens e cada uma das pedras tinha uma função protetora específica, com pedras como o quartzo e a jade sendo utilizadas para eliminar a dor e as “energias ruins”, por exemplo.

## Grécia e Roma antigas

Entre os gregos e romanos, a lista de produtos para deixar a pele mais iluminada e suavizar rugas passava pela pedra-pomes, óleo e folhas de mirra e óleo de olíbiano.

Também nestas sociedades, especialmente entre os romanos, havia a cultura das casas de banho, onde além de piscinas com diferentes temperaturas, saunas e massagens, os romanos abastados higienizavam a pele com estrígel, uma lâmina curva utilizada para limpeza corporal, e untavam a pele com óleos hidratantes.

No aspecto das doenças dermatológicas, o médico e professor grego Hipócrates (460-370 a.C.), considerado o pai da medicina, propôs a primeira classificação conhecida das doenças da pele no ocidente. Ele dividiu as dermatoses em duas classes: idiopáticas, quando eram originárias primariamente da pele; e exantemáticas, quando ocorriam manifestações cutâneas de doenças sistêmicas, ocasionadas por desequilíbrios de outros integrantes do organismo.

Já entre os romanos, a contribuição mais conhecida é a de Aurelius Cornelius Celsus (25 a.C.-50 d.C), autor de uma enciclopédia que descreveu cerca de 40 tratamentos para afecções dermatológicas e estudou doenças que se desenvolviam na população, como o molusco contagioso.

## Tratamentos exóticos

Não faltaram na antiguidade, porém, tratamentos curiosos. Ali perto da Grécia, em Bizâncio, na atual Turquia, os tratamentos exigiam coragem: o fogo era usado para chamuscar levemente a pele e esfoliá-la. Já na Índia, as esfoliações com pedra-pomes na face eram complementadas com urina para deixar a pele mais macia com o ácido.

Pode parecer nojento, mas a relação com a urologia foi longa. A pele, na verdade, só passou a ser investigada cientificamente com propriedade por médicos urologistas, que queriam entender o impacto de doenças sexualmente transmissíveis como a sífilis na camada mais exterior do nosso corpo justamente no fim dos anos 1800.

*Fogo, plantas venenosas, leite e urina já estiveram na rotina de beleza de civilizações antigas*

## No Renascimento

A dermatologia na Europa viveu tempos de retrocesso na Idade Média. As poucas condições de higiene levaram a um surto de hanseníase que vitimou cerca de 5% da população total do continente. Durante o renascimento, porém, as pesquisas médicas antigas e também os avanços feitos em culturas árabes são usados para retomar as pesquisas médicas da dermatologia.

Girolamo Mercuriale (1530-1606), professor de Medicina na Universidade de Pádua, na Itália, por exemplo, foi um dos primeiros a criar uma publicação científica dedicada à dermatologia. De morbis cutaneis, publicada em 1572, é considerada uma precursora dessas publicações. Uma obra de mesmo título de Daniel Turner (1667-1741), publicada em 1714, apresentava mais de 100 casos clínicos de doenças dermatológicas e seus respectivos tratamentos.

## Nas comunidades indígenas

O cuidado dos indígenas com sua higiene na América surpreendeu os europeus, especialmente pelo hábito de tomar banhos diariamente — coisa bastante incomum no Velho Continente. Claro que as práticas culturais entre as diferentes nações do Novo Mundo eram bastante diversas entre si, mas na maioria delas havia a ideia de que a pele era um símbolo do interior do corpo. Por isso, o corpo deveria ser uma espécie de reflexo da essência, e enfeitado com pinturas corporais e tatuagens.

Mas o cuidado com a pele não era só estético nas comunidades tradicionais brasileiras. O urucum e o açafraão, duas das tinturas mais usadas tinham também a propriedade de repelir os insetos. Os banhos também não eram simplesmente feitos com água, havia plantas especiais para o tratamento de diversas enfermidades como documenta o Atlas de dermatologia em povos indígenas, criado por Douglas Rodrigues, Jane Tomimori, Marcos Floriano e Sofia Mendonça, professores da Unifesp.

Frieiras, por exemplo, eram tratadas pelos povos Kisêdjê, da Região do Xingu, com um purê de uma mandioca endêmica da região, que era aplicado no local da micose ainda aquecido. Já os povos Kaiabi, da mesma região, usam a fumaça das folhas e sementes de algodão para ajudar a cicatrizar as feridas.

## *Calor, frio e eletricidade também têm história*

Ao longo dos séculos 18 e 19, o estudo da dermatologia se intensificou na Europa, especialmente no Reino Unido, na França e na Áustria, países que estabeleceram as bases dessa ciência, fundando teorias e conhecimentos que até hoje são utilizados.

Já no início do século passado, começou um estudo mais relacionado para o cuidado com a pele e que aproveitaram e muito as lições de nossos antepassados. Assim como os egípcios haviam usado lixas para suavizar cicatrizes, a partir do século 20 essas lixas foram motorizadas em tratamentos dermoabrasivos para rejuvenescer a pele através de um delicado polimento.

O uso de crioterapia para remover lesões na pele é mais antigo ainda: seus primeiros registros conhecidos são dos anos de 1845, quando o médico britânico James Arnott (1797-1883) descobriu que compressas com gelo não só reduziam a sensação de dor física em pacientes com câncer de mama como também diminuía o tumor. O uso de oxigênio líquido se deu pela primeira vez em 1899 para combater verrugas virais com temperaturas de  $-190^{\circ}\text{C}$ , substituído a partir dos anos 1970 pelo nitrogênio líquido para evitar o risco de combustão.

E também o tratamento usando incidência de luz não é uma invenção contemporânea. A recomendação de banhos de sol ou de lua faziam parte do receituário médico para várias doenças que se manifestavam na pele, mas com a descoberta da eletricidade essa história ganhou rapidamente novos capítulos. Niels Ryberg Finsen (1860-1904), um médico dinamarquês, ganhou um Nobel em 1903 por ter sido o primeiro a utilizar uma lâmpada de arco de carbono para o tratamento do lúpus.



A luz ainda ganharia mais relevo no tratamento dermatológico com a descoberta dos usos terapêuticos dos lasers. O médico dermatologista estado-unidense Leon Goldman (1906-1997) fez várias descobertas neste sentido. Em 1963 ele relatou a destruição seletiva de estruturas pigmentadas da pele – nevos, melanomas e tatuagens – por meio do uso do laser de rubi pulsado e seguiu pesquisando o uso da luz nas décadas seguintes, especialmente para combater malformações vasculares.

Algumas coisas muito difundidas atualmente, porém, como o uso da toxina botulínica, são fenômenos muito recentes, descoberta no século 19 como uma mortal causadora do botulismo, ela foi isolada, entendida, mas só passou a ser usada no tratamento de rugas de expressão a partir de 1992, depois mesmo dos primeiros experimentos com preenchimentos, realizados nos anos 1970. Os dois preenchimentos mais recomendados atualmente, ácido hialurônico e o ácido polilático, só passaram a ser usados a partir de 2003 e 2004, respectivamente.

# Sábado Solidário, a Aepit de portas abertas

*Todo segundo sábado do mês a Aepit tem consultas dermatológicas com preços menores para pessoas que não têm plano de saúde. Saiba como participar dessa iniciativa.*

Para quem não tem plano de saúde, uma consulta dermatológica pode custar caro, ainda mais em um contexto de crise econômica como o atual. O Grupo Aepit, porém, escolheu não dar as costas para este público. Mantendo a excelência de seus atendimentos, mas com ofertas a preço popular, foi criado o Sábado Solidário Aepit.

Neste evento mensal, o público que não tem convênios de saúde pode marcar consultas dermatológicas com preços inferiores aos praticados no dia a dia da clínica. “Começou por uma demanda do público, pessoas que pediam descontos quando iam pagar a consulta e, ao ver a necessidade delas em conseguir atendimento, criamos o Sábado Solidário”, diz a Dilma Souto, uma das fundadoras do grupo Aepit.

Os atendimentos ocorrem de 9h às 12h, todo segundo sábado do mês. A procura costuma ser grande, por isso é necessário reservar com antecedência um horário pelo telefone (61) 3364-4104. Os atendimentos ocorrem com hora marcada e o pagamento deve ser feito no ato da consulta.

“O Sábado Solidário reflete a preocupação da clínica em atender a todos, independente de sua capacidade financeira. É uma forma da gente contribuir socialmente, fazer a diferença. Muitas pessoas que precisam e que vem, apresentam casos graves que não poderiam esperar as longas filas de atendimento na rede pública”, completa Sra. Dilma.

o valor médio da consulta neste dia fica muito em conta para aqueles que não tem planos de saúde e que precisam de tratamento dermatológico. Os valores, claro, podem sofrer alterações, portanto, é recomendado que se confirme o valor vigente no ato da marcação da consulta.

“Realmente é uma ação feita pensando no bem de todos, a clínica reduz sua participação, os médicos também reduzem seus preços. É um dia que construímos coletivamente com o corpo médico para que todos recebam atendimento”, conclui ela.

## Inspiração

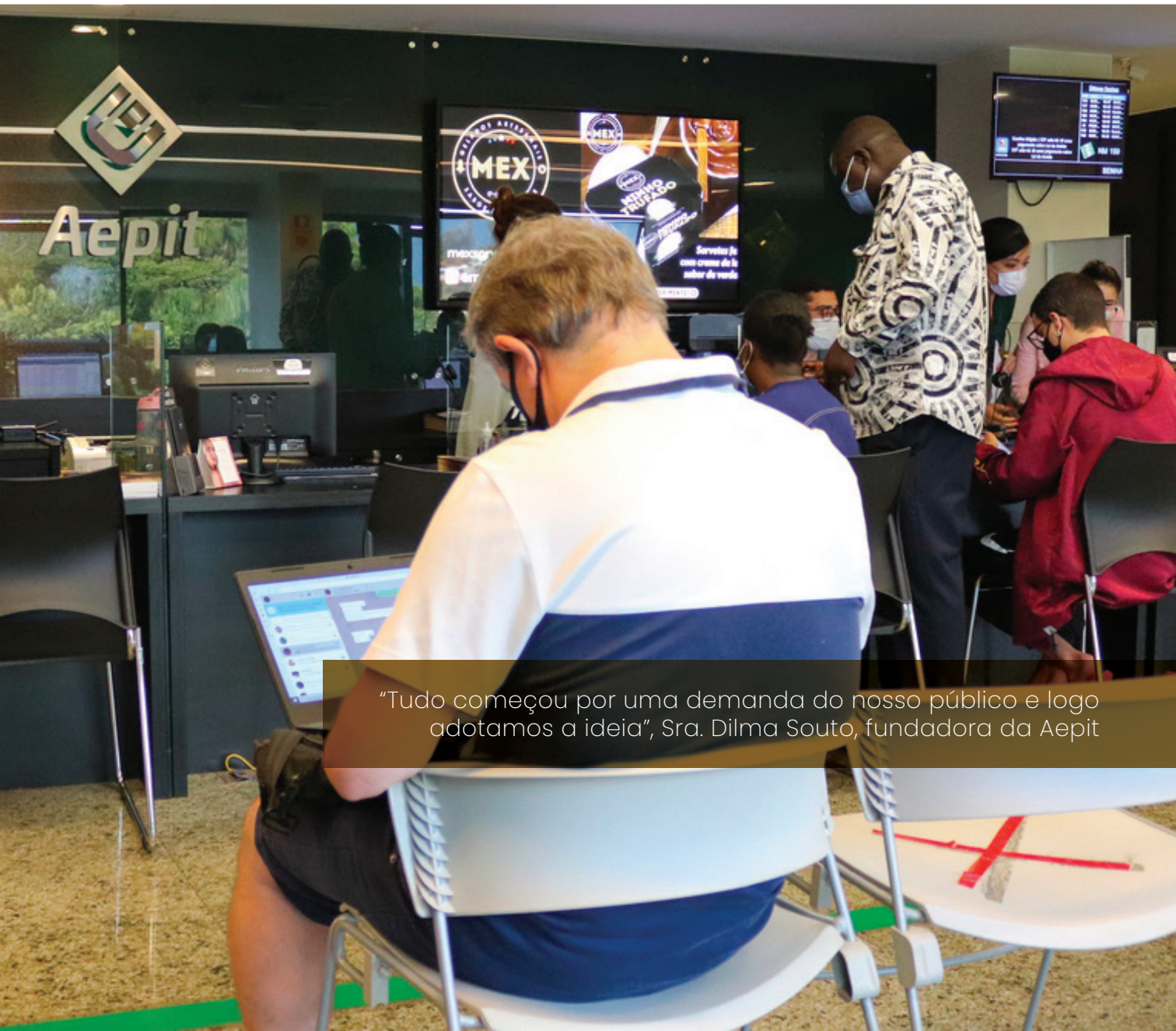
A ideia de um sábado solidário não é uma invenção do Grupo Aepit. Na verdade, a adoção deste dia para realizar ações sociais encontra consonância nas atividades de vários segmentos sociais preocupados com o bem-estar da população.

No segmento da saúde, há várias instituições engajadas na solidariedade que prestam serviços terapêuticos ou arrecadam doações aos sábados em eventos com nomes semelhantes

a este. Caso você tenha um negócio próprio, conhecer estas iniciativas podem ser uma boa oportunidade para entrar nesta corrente do bem.

Já para aqueles que necessitam, vale a pena procurar por iniciativas semelhantes na hora de economizar. Criando esta rede de boas ações, todos saem ganhando.

Atendimentos a  
preços populares  
ocorrem por  
agendamento todo  
segundo sábado  
de cada mês



"Tudo começou por uma demanda do nosso público e logo adotamos a ideia", Sra. Dilma Souto, fundadora da Aepit

### **Dr. Gilvan Alves**

Médico Dermatologista e  
Médico Responsável pela Aepit Clínica

### **Dr. Rômulo Viegas**

Médico Cirurgião Plástico  
Médico Responsável pela Aepit Plástica

### **Dilma Souto**

Sócia e Responsável Administrativa

### **Projeto Editorial e Diagramação**

Equipe Tutano - Estratégia e Performance

### **Imagens e Fotos**

Banco de Imagem  
Gustavo Cordeiro - Tutano - Estratégia e Performance

### **Texto e Redação**

Bruna Presmic - Tutano Estratégia e Performance  
Bruno Bucis - Tutano Estratégia e Performance

### **Jornalista Responsável**

Bruna Presmic - Tutano - Estratégia e Performance

### **Contatos**

#### **Grupo Aepit**

[www.aepit.com.br](http://www.aepit.com.br)

61 3364-4104

[aepit@aepit.com.br](mailto:aepit@aepit.com.br)

Ed. Vital Brasília 710/910 Sul 4º Andar

[f](#) [@](#) [t](#) [G+](#) [v](#) [@aepitclinica](#)



# **Aepit**



**Aepit**






RT: Gilvan Alves 7940 DF

**Sua saúde  
segura na Aepit**

[aepit.com.br](http://aepit.com.br)

61 3364-4104

Ed. Vital Brasília 710/910 Sul 4º Andar

[aepitclinica](#)     



**Grupo Aepit**

RT: Gilvan Alves 7940 DF



*Aepit*

*pele em uma das línguas  
do Tupi Guarani*

